

# Revendo a Leitura da Bíblia: Expressando a Literatura Bíblica

Ler em voz alta é um dos componentes de *performance* que mais tomamos por certo. Leitores hábeis sabem que é necessário planejamento e prática para cumprir bem esta tarefa.

*Agora, como se antes estivesse surda, comecei a ouvir a linda voz da Srta. Everett demorar-se carinhosamente no ritmo poético da Bíblia King James. Eu já amava a poesia por causa de suas imagens, mas agora ouvia a linguagem como uma forma de música, e aguardava a sucessão de leituras marcando o ano litúrgico como se fosse uma viajante buscando lugares conhecidos ao longo de um caminho bem viajado.*

— *The Road From Coorain*<sup>1</sup>

**E**ste momento de epifania para Jill Ker Conway ocorreu quando ela era uma tímida e desajeitada aluna cursando o ensino médio em Abbotsleigh, Austrália. Ela e suas companheiras de escola estavam assentadas no chão do ginásio para a capela da manhã, com os professores posicionados em cima de uma plataforma elevada.

Ker Conway recorda que essa posição fazia com que “nossos olhos normalmente estivessem direcionados ao nível dos pés dos professores”, um arranjo que dificilmente conduzia à inspiração.<sup>2</sup> Até este ponto, nem a jovem australiana e nem seus instrutores podiam prever que esta tímida aluna eventualmente se formaria na Universidade de Sydney e na Harvard University, tampouco

*Beverly Matiko*

podiam prever a eventual contribuição de Ker Conway como uma estudiosa e escritora ilustre, ou a sua indicação como a primeira mulher a ser diretora do Smith College.

**C**onforme as lembranças vêm à tona, Ker Conway menciona muitos de seus professores – alguns ela imitaria, outros meramente toleraria. Mas poucos recebem endosso tão brilhante como a Srta. Everett, extraordinária leitora da Bíblia. De algum modo a Srta. Everett foi capaz de superar os desafios da leitura atribuídos às múltiplas distrações e distâncias inadequadas e impregnar a Bíblia com música que, décadas depois, ainda soavam nos ouvidos de pelo menos uma ouvinte.

Enquanto busco em minha memória mentores que foram bons leitores da Bíblia Sagrada, vários professores me vêm à mente. E um aluno em particular. Ele estava em minha primeira classe de oratória. A fim de ajudá-los a vencer o inevitável medo de palco, eu pedia aos alunos do primeiro ano de oratória para lerem um texto bíblico em voz alta – algo que a maioria vinha fazendo por anos em escolas cristãs e na Escola Sabatina. Os resultados desta simples tarefa foram como eu esperava. Alguns tropeçavam em nomes antigos e localizações como Pelegue ou Panfília. Alguns tropeçavam em formas verbais arcaicas ou outras formas não conhecidas. Outros gaguejavam e perdiam o lugar conforme o dedo cuidadosamente colocado escorregava nas finas páginas da Bíblia.

**Q**uando foi a vez de Michael\* ler, no entanto, algo bem diferente aconteceu. Dirigindo-se à tribuna, ele olhou para os seus colegas de classe e para mim.

Eu estava sentada em meu posto de avaliação na última fileira de carteiras de onde podia determinar se o orador estava usando volume de voz suficiente. Michael sorriu rapidamente e, então, começou a ler uma considerável porção de João 12. Nós ouvíamos enquanto ele narrava instruções de Jesus. Uma ilustração foi particularmente apropriada para o nosso cenário rural canadense. Um grão de trigo deve cair, nós fomos lembrados, antes de poder produzir mais frutos. Ouvimos conselhos sobre andar na luz, novamente bem apropriados para alunos em Alberta. Muitos de nós recém-chegados havíamos nos acostumado a usar óculos escuros durante o ano todo, para ajustar nossa visão ao brilho do imenso firmamento. Michael



Leitores competentes freqüentemente se inspiram na voz do pai ou mãe, professor, ou pastor – alguém que lia em voz alta com clareza e convicção.

finalizou sua leitura com o comentário conciso e triste do verso 37: “E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nEle...” (ARA).<sup>3</sup>

A avaliação de Michael foi uma das fáceis que tive que completar naquele dia. Sua voz era clara. Sua velocidade apropriada. Podíamos distinguir os vários oradores em sua narrativa. Michael combinou sua disposição e entonação com o conteúdo do texto. Mas ele fez algo mais notável, algo que eu não tinha pedido. Em

vez de ler, Michel *recitou* a porção inteira que havia selecionado da Bíblia.

Depois, fora da aula, perguntei a Michael sobre a sua apresentação incomum. Ele explicou que sua apresentação foi uma decisão pessoal recentemente feita. “Toda vez que me pedem para ler a Bíblia”, ele explicou, “vejo isso como um grande privilégio. Alguém está me pedindo para ser porta-voz da Palavra de Deus. Esta é uma tarefa que eu jamais quero fazer sem pensar”. Michael então explicou que

**Como, então, podemos nós,  
professores ou líderes de jovens,  
ajudar os alunos a se tornarem**

### **intérpretes mais eficientes da Bíblia?**

estudava cuidadosamente cada texto e o memorizava. Quando chegou a hora de ler a Bíblia, ele o fez sem qualquer ajuda impressa. Seu objetivo, ele me assegurou, não era se destacar. Longe disto. Ele explicou: “Eu preciso incorporar a mensagem antes de poder partilhá-la. Não é suficiente apenas dizer as palavras. Memorizando as palavras e meditando nelas antecipadamente é como se estivessem sendo escritas em minha mente e em meu coração. Quero que as palavras criem raízes nesses mesmos lugares em meus ouvintes”. E assim Michael transformou a familiar leitura da Bíblia em uma recitação cuidadosamente ensaiada da Bíblia.

### **Princípios Básicos**

Ao mesmo tempo em que eu não reescrevi o meu plano de aula da classe de oratória com os impressionantes padrões elevados de Michael em mente, seu exemplo me lembra de uma importante ordem bíblica: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças” (Eclesiastes 9:10). Para nós que estamos envolvidos em treinar oradores, uma substituição é certamente permissível: “Tudo quanto te vier à boca para fazer, faze-o conforme as tuas forças.” Podemos não escolher, como Michael fez, verdadeiramente memorizar a Bíblia antes de apresentá-la. Mas podemos aprender, praticar e promover alguns princípios básicos que possam melhorar a comunicação entre a fonte (a Bíblia), o canal (o leitor), e o público (nossos ouvintes) ao compartilhar em voz alta textos impressos.

Se existe algum livro digno de atenção especial para alunos e educadores cristãos, este livro é a Bíblia. Muitos de nós fomos ensinados a colocá-la na prateleira cuidadosamente, sem deixar outros livros em cima dela. Temos seguido uma variedade de planos de Ano Bíblico designados a sistematicamente nos levar através da Bíblia em um dado período de tempo. Mas poucos de nós fomos treinados em como melhor compartilhar a Bíblia em voz alta

em um lugar público, uma tarefa que a maioria de nós faz regularmente. É difícil imaginar o culto divino, o culto de oração, o casamento, a dedicação de criança, o batismo, o funeral, ou qualquer assembléia cristã em que a leitura da Bíblia não faça parte do programa.

### **Dicas para Interpretação Oral**

Como, então, podemos nós, professores ou líderes de jovens, ajudar os alunos a se tornarem intérpretes mais eficientes da Bíblia? Ofereço aqui algumas dicas colhidas de muitas décadas de ensino em classe de oratória, voz e dicção, e interpretação de texto. Minhas observações foram formadas após muitos anos ouvindo outros lerem a Bíblia em voz alta – alguns bem, outros não tão bem – e eu mesma lê-la em voz alta.

Qualquer professor, independente de sua área, pode adaptar e compartilhar essas sugestões com alunos para ajudá-los a melhorar suas técnicas de leitura da Bíblia em voz alta. Essas recomendações funcionarão bem na matéria de oratória no ensino médio bem como em matérias de educação-geral do curso superior como Comunicação ou Introdução à Oratória. Qualquer matéria de Literatura, Comunicação, ou Homilética que possui um componente de *performance* também pode incorporar essas recomendações. Alunos do ensino fundamental e médio também podem começar a dominar essas habilidades.

Um educador não precisa ser treinado em oratória para aplicar essas sugestões. Qualquer classe em que a Bíblia for usada se beneficiará em ouvir o Texto Sagrado sendo bem lido em voz alta. Fora da sala de aula, em locais como clube de Desbravadores, Culto Jovem, ou Escola Sabatina, os líderes encontrarão inúmeras oportunidades para servir como treinadores vocais e usar estas sugestões ao planejar e ensaiar programas.

Sendo que o número sete é um número muito relacionado à Bíblia, ofereço sete sugestões para melhorar a leitura da Bíblia em público:

#### **1. Tome Tempo para Ensaio**

“O maior espaço do mundo é o espaço para aperfeiçoamento!”<sup>24</sup> Esta alegação feita pelo especialista em oratória, Lyle V. Mayer, certamente é uma verdade para qualquer habilidade que se aprende. Lamentavelmente, praticar a leitura da Bíblia antecipadamente não acontece com a maioria dos leitores. Normalmente, os leitores verificam o conteúdo e localização

do texto, depois perguntam se uma versão específica é preferida. Após ler o texto silenciosamente uma ou duas vezes, declaram-se prontos para lê-lo em voz alta.

Imagine quanto sucesso um solista teria se apenas revisasse silenciosamente a partitura uma ou duas vezes antes de executá-la. Mesmos os músicos mais experientes reconhecem a importância de praticar em voz alta. Até que os cantores ouçam a si mesmos executando a música não podem ter certeza onde os desafios poderão surgir, onde atenção especial pode ser necessária.

O ensaio antecipado, várias vezes, provê confiança para que a pessoa desempenhe a tarefa a ela designada. Isto testifica que a tarefa é importante e homenageia o escritor ou compositor original. Se for pedido a um vocalista que cante uma versão da Bíblia, tal como: “A Oração do Senhor” ou “O Salmo do Pastor”, o público espera que o ensaio seja um pré-requisito para a *performance*. Leitores da Bíblia devem assumir sua tarefa com a mesma seriedade.

### **2. Meça a Temperatura Emocional do Texto**

Os 66 livros da Bíblia nos apresentam uma rica extensão das emoções humanas. Ouvimos o salmista erguer a voz em louvor e adoração, incentivando-nos a fazer o mesmo, “pois o Senhor é bom”. Somos repetidamente exortados: “Cantai louvores ao Seu nome” (Salmo 135:3). Ouvimos também o clamor de medo e desespero do salmista: “Das profundezas clamo a Ti, Senhor. Escuta, Senhor, a minha voz” (Salmo 130:1, 2). E a voz de Elias zombando dos profetas de Baal, sugerindo que talvez o deus deles estivesse ocupado ou mesmo de férias (1 Reis 18: 27). Ouvimos

**Podemos aprender, praticar e**

**promover alguns princípios básicos**

**que possam melhorar a comunicação**

**entre a fonte (a Bíblia), o canal (o**

**leitor) e o público (nossos ouvintes)**

**ao compartilhar em voz alta textos**

**impressos.**



***O leitor de Bíblia consciente levará sua tarefa tão à sério quanto um vocalista ou outro músico. O estudo meticuloso da “partitura” e trabalho com um instrutor são partes valiosas do processo.***

a paixão dos amantes como é registrada em Cantares de Salomão: “Beija-me com os beijos de tua boca” (1:2). Surpresa pode ser ouvida nas vozes dos que estavam presentes na multiplicação dos pães: “Este é, verdadeiramente, o Profeta que devia vir ao mundo” (João 6:14).

**N**o preparo para ler a Bíblia em voz alta é importante que a pessoa determine a variação de emoções representadas no texto. Qual é a emoção dominante? O orador no texto está oferecendo louvor, correção, condenação, ou encorajamento? A voz do orador deve combinar com o sentimento das palavras se algum significado sensato deve ser transmitido. Todos nós já ouvimos muitas leituras bíblicas bem-intencionadas, porém tristemente monótonas, que não oferecem indicação

alguma das poderosas emoções do texto. Examinando o contexto – os versos e até mesmo os capítulos em torno do texto selecionado – a pessoa responsável em ler a Bíblia pode melhor decidir que tom de voz é necessário. Algumas passagens requerem uma variedade de emoções. Quando diferentes pessoas falam, como Samuel e Eli conversando sobre as vozes na noite, ou Deus e Adão discutindo as recentes escolhas feitas no Éden, torna-se necessário uma variedade de tons de voz para exprimir as emoções.

### **3. Aprenda Antes de Fazer**

Não podemos compartilhar o que não possuímos. Se a sua carteira está vazia, você não pode me emprestar cinco reais. Do mesmo modo, se você não compreende uma parte do texto, não pode esperar compartilhar o seu significado com o ouvinte.

Simplesmente dizer as palavras na ordem correta não é o suficiente. Comunicamos de modo mais completo e significativo quando o fazemos com conhecimento e compreensão. Ao examinar os versos e capítulos que cercam o texto selecionado, a pessoa convidada a ler a Bíblia em público pode obter e eventualmente comunicar uma compreensão mais ampla do texto.

A primeira pergunta a se fazer é: Quem está falando? As palavras estão sendo atribuídas a Jesus? Um dos discípulos está falando com sua própria voz? A rainha Ester está falando na corte? Então, em que gênero de literatura estes versos são emitidos? Ao determinar o tipo de literatura bíblica a ser compartilhada, o leitor pode definir que regras aplicar. É uma carta? É uma canção ou texto poético? É o relato de uma testemunha ocular?

#### 4. Pratique no Local

Recentemente assisti a um concerto comovente na minha universidade apresentado por um excelente quarteto de cordas. Só depois da apresentação fiquei sabendo através de um dos organizadores do evento que os músicos tinham se perdido no caminho ao se dirigirem para o evento. Em vez de chegarem duas ou três horas mais cedo para se prepararem e ensaiarem, eles chegaram no prédio apenas minutos antes da cortina se abrir. Felizmente, o quarteto foi capaz de rapidamente avaliar o novo espaço e se adaptar adequadamente. A maioria de nós, com certeza, estaria visivelmente atrapalhada. Nosso primeiro número incluiria uma ladainha de desculpas.

É melhor praticar onde você estará se apresentando. Quanto mais confortável você estiver com o ambiente, mais confiante se sentirá quanto à leitura. Existe uma tribuna? Ela é adequada à sua altura? Se você for mais baixo que a maioria dos oradores, uma pequena caixa de madeira na qual você possa subir o ajudará a melhor se relacionar com o público. Se você for mais alto que a maioria dos oradores, perceberá que colocar seus manuscritos na tribuna não é uma opção confortável. Você poderá ter que segurar suas anotações para ler com mais facilidade. Neste caso, uma pasta firme será útil, visto que folhas soltas têm a tendência de cair.

E quanto à iluminação? Existe uma lâmpada na tribuna? Ela funciona? Você terá controle do interruptor?

Você estará sentado à plataforma? Existem degraus para subir? Portas para abrir e fechar? Geralmente o êxito de

uma apresentação está na proporção inversa ao número de surpresas. Ensaiar no local pode ajudar você a antecipar e lidar com possíveis problemas.

#### 5. Leia de Manuscrito Preparado

Um dos maiores erros cometidos pela maioria dos leitores públicos da Bíblia é tentar ler da própria Bíblia. As letras da Bíblia são surpreendentemente pequenas, e as páginas são muito finas. Geralmente as letras impressas no verso da página são parcialmente visíveis. As sentenças da Bíblia são interrompidas por números nos versos – algo que as pessoas não estão acostumadas a encontrar em outros textos impressos. As colunas e espaços são incommuns, também. Todas essas condições tornam mais difícil a boa leitura em voz alta diretamente da Bíblia.

As suas chances de ler a Bíblia em voz alta melhorarão grandemente se você ler um manuscrito preparado. Crie algumas páginas do tamanho de sua Bíblia e escreva seu texto bíblico nestas páginas (ou copie e cole de uma versão eletrônica da Bíblia). Mantenha espaço duplo. Marque o texto para dar ênfase. Sublinhe palavras-chave. Solete foneticamente qualquer palavra ou nome que possa ser difícil de pronunciar. Coloque essa folha em sua Bíblia, e pratique com ela. Quando chegar a hora de ler, posicione-se na tribuna, abra a Bíblia, e leia de sua folha auxiliar. Leitores profissionais na televisão e no rádio trabalham a partir de manuscritos muito bem preparados com espaço duplo ou até mesmo triplo. Se os profissionais adaptam seus textos para melhorar a comunicação, certamente nós amadores nos beneficiaremos em seguir a mesma direção.

#### 6. Crie uma Breve Introdução

Ao ler a Bíblia em voz alta, você quase sempre estará lendo um trecho, umas poucas linhas no meio de uma grande obra. É mais fácil compreender o trecho se a pessoa sabe qual é o contexto. “A Oração do Senhor” pode ter significado novo se o público for lembrado: “Mateus segue o relato das Bem-aventuranças com uma oração modelo dada por Jesus. Encontramos esta famosa prece em Mateus, capítulo 6, começando com o verso 9...” A leitura do Cântico de Maria será enriquecida se formos lembrados que “após o relato da conversa íntima entre Maria e Isabel, onde a prima mais velha fica sabendo que a jovem também está grávida, Lucas relata a letra do que passou a ser conhecido como o Cântico de

### No preparo para ler a Bíblia em

**voz alta é importante que a pessoa**

**determine a variação de emoções**

**representadas no texto.**

Maria. No verso 46 do capítulo 1, lemos: “A minha alma engrandece ao Senhor...” A introdução não precisa ser longa. A identificação do cenário, do orador, do público original e a localização do texto na Bíblia normalmente podem ser transmitidos em apenas uma sentença.

#### 7. Mencione Duas Vezes a Fonte

Mesmo que a referência do texto que você esteja lendo estiver escrita no programa impresso, a cortesia manda que você cite a fonte. Um verso da Bíblia é como o número de telefone ou endereço. Consiste em uma série de números em uma ordem específica. Estes números habilitam os ouvintes a alcançar o destino mencionado e a fazer a conexão desejada. Poucas pessoas podem captar uma série de números ouvindo apenas uma vez. Por esta razão é útil incluir o número duas vezes em uma introdução, geralmente no começo e, então, no fim.

Aqui está um exemplo:

“Hebreus 12 segue um longo relato de realizações provadas pela ‘fé’. Nesta epístola, Paulo aconselha seus ouvintes a como melhor honrar este legado. Hebreus 12: ‘Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazemente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta.’”

**N**ão é necessário dizer “verso 1”, desde que se possa assumir que seja o início do capítulo. Se estiver iniciando em um outro lugar no texto, pode dizer, “começando com o verso 11”. Você não precisa dizer ao público onde será o fim da leitura. Seu ponto inicial é a única informação que precisam para localizar o texto.

Levando a sério a leitura da Bíblia e aplicando princípios básicos de *performance* a esta sagrada tarefa, o leitor descobrirá que “as palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração” são “agra-



dáveis” na presença do Senhor, para citar o salmista (Salmo 19:14). As palavras podem até levar você além do aceitável para algo que seja agradável, iluminador e vivificador. Na revista *Ministry*, Emily Moore relembra um conselho de um de seus professores de inglês com respeito à leitura da Bíblia. Apesar de estar se dirigindo a futuros pastores, as palavras do professor se aplicam a qualquer pessoa convidada a compartilhar a Bíblia em voz alta: “Não negligencie a leitura da Bíblia para o seu povo; mas *já* vá para o púlpito sem ensaiar o texto bíblico escolhido. Se você o ler bem, estará pregando dois sermões à congregação”.<sup>5</sup>

Teri e Michael Gamble, autores de *Literature Alive! The Art of Oral Interpretation*, nos lembram que “como apresentador, seu desafio é transformar as palavras escritas da literatura em palavras vivas. Como intérprete oral, a sua

responsabilidade é dar vida às palavras do autor; sua tarefa é infundir energia em cada página do texto selecionado”. Estes mesmos escritores então fazem a pergunta: “Como você pode cumprir essas responsabilidades?”<sup>6</sup>

Uma das minhas alunas estrangeiras, na aula de voz e dicção recentemente deu uma resposta a esta pergunta: “Joy”\*, eu a instiguei, após uma emocionante leitura, “você poderia dizer à classe quanto você praticou para esta apresentação final?” Ela timidamente olhou para o manuscrito preparado – um curto trecho do tributo de Mitch Albom ao seu professor, *Tuesdays With Morrie*. Pensou por alguns segundos, então disse espontaneamente: “Trinta vezes, eu acho. Ou talvez 31. Perdi a conta. Foi o suficiente, professora?”

O olhar de admiração no rosto de seus colegas proveu a Joy a confirmação que buscava. Apesar de poucos de nós – ou de

Katy Van Arsdale, aluna da Andrews University, recebe sugestões da instrutora Beverly Matiko sobre como usar um manuscrito cuidadosamente preparado para a leitura de Bíblia.

nossos alunos – praticarmos tanto assim para a leitura de qualquer texto, secular ou sagrado, é bom lembrar que umas poucas palavras bem escolhidas, bem ensaiadas e bem pronunciadas podem comunicar muito. E se essas palavras escolhidas forem da Bíblia Sagrada, que privilégio adicional será sermos praticantes ou receptores dessas palavras.

---

**Dra. Beverly Matiko** é membro do corpo docente dos departamentos de Inglês e Comunicação da Andrews University em Berrien Springs, Michigan, EUA, e também é membro do Honors Faculty. Antes de ir para a Andrews University em 1991, ela completou seu Ph.D. em inglês pela Universidade de Alberta. Trabalhou também como professora universitária no Newbold College (Inglaterra) e

**“Como apresentador, seu desafio é transformar as palavras escritas da literatura em palavras vivas. Como intérprete oral, a sua responsabilidade é dar vida às palavras do autor; sua tarefa é infundir energia em cada página do texto selecionado.”**

Canadian University College (Alberta, Canadá). Suas áreas de interesse incluem literatura moderna em prosa real, peças literárias e oratória pública.



#### REFERÊNCIAS

1. Jill Ker Conway, *The Road From Coorain* (New York: Vintage Books, 1990), p. 139.
  2. *Ibid.*
  3. Todos os textos bíblicos neste artigo são citações da versão Almeida Revista Atualizada.
  4. Lyle V. Mayer, *Fundamentals of Voice and Articulation* (New York: McGraw Hill, 2004), p. 5.
  5. Emily Moore, “How Do You Read It?” *Ministry* 61 (junho de 1988), p. 11.
  6. Teri Gamble e Michael Gamble, *Literature Alive! The Art of Oral Interpretation* (Lincolnwood, Ill.: NTC Publishing Group, 1994), p. 3.
- \* Os nomes foram mudados para proteger a privacidade dos alunos.

## Editorial

Continuação da página 3.

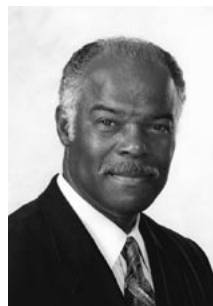
não contempladas até o momento. Pense nisso: A igreja não só ampliaria a integração de fé e aprendizado, como também a integração de fé e prática.

Para qualificar-se a receber os recursos para a parceria/colaboração, o candidato teria que submeter um projeto conciso de pesquisa. O projeto pode ser proposto pelo ensino fundamental e médio visando beneficiar faculdades/universidades ou por faculdades para beneficiar o sistema ou as instituições de ensino fundamental e médio. A parceria seria a determinante principal para aprovação e disponibilização de recursos para as propostas de pesquisa.

Considerando todo o tempo, dinheiro, energia e talento que investimos para cumprir a missão de nossas instituições, não deveríamos colaborar para alcançar nossos objetivos comuns?

Poucas áreas existem na igreja em que se tenha feito tentativas tais como o estudo Valuegenesis, – mas a maioria delas têm sido mais no sentido de prover informação para pesquisas do que de desenvolver parcerias entre níveis-múltiplos.

Minha esperança é que a proposta ligeiramente apresentada neste editorial seja ampliada para incluir possíveis áreas onde a colaboração pode beneficiar múltiplos níveis educacionais.



## Famílias

Continuação da página 28.

nossas reuniões ocasionalmente (embora fosse necessário algo muito sério para que isso acontecesse!). Tivemos uns poucos pais que não quiseram incluir em sua agenda um programa de duas horas de duração, e vários que recusaram assistir.

## Planos para o Futuro

Um aspecto de melhoria que estamos considerando para o futuro é ter pais e alunos fazendo atividades juntos durante parte do programa ou todo ele. Em vez de separar a família durante a apresentação do “Tempo Para a Família”, prepararemos atividades cooperativas nas quais as famílias poderão experimentar idéias como do culto familiar ou da intimidade familiar.

Outro elemento que estamos considerando para o futuro é a formação de pequenos grupos para reuniões de apoio aos pais. Os professores têm debatido o conceito de oferecer mais tempo de qualidade para os pais se unirem e oferecerem pensamentos criativos para solução de problemas – estilo de debate. Ainda não encontrei um pai ou mãe sequer que não tenha várias preocupações que ele ou ela gostaria de debater com colegas num grupo de apoio. Este elemento poderá incluir grupos de oração e grupos de estudo.

Em abril de 2006, a comissão diretiva da CSCS votou interromper o programa de Escola da Família durante um ano. Embora a comissão tenha sinceramente concordado que esta tem sido uma ferramenta muito eficaz e útil, o programa consome muito tempo, e é difícil solicitar voluntários. A comissão diretiva também votou que seja discutida mais tarde a possibilidade de oferecer a Escola da Família a cada dois anos.

Oramos para que nossos alunos e suas famílias se aproximem mais uns dos outros e se sintam mais fortes. Para nossas escolas, a família adventista é um campo missionário sempre presente.

“Se a criança não é instruída corretamente ali [no lar], Satanás a educará por meio de fatores de sua escola. Quão importante, pois, é a escola do lar!”<sup>2</sup>

Tracy Arnett é diretora da Cross Street Christian School em Anderson, Indiana, EUA.



#### REFERÊNCIAS

1. Ellen G. White, *O Lar Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), p. 182.
2. *Ibid.*